

# HISTORICIDADE DA ESTÉTICA FEMININA E CULTURA DA AUTOIMAGEM EM MODELOS ADOLESCENTES

*Women aesthetic historicity and culture of appearance in teen models*

Pinheiro, Clara Silva; Universidade Estadual de Feira de Santana;  
consultoriaclarapinheiro@gmail.com<sup>1</sup>

Castro Júnior, Luiz Vitor; Universidade Estadual de Feira de Santana;  
axevisor@gmail.com<sup>2</sup>

Grupo de Pesquisa Artes do Corpo: Memória, Imagem e Imaginário.

## Resumo

Este artigo apresenta um estudo qualitativo, descritivo e exploratório a respeito da historicidade da estética feminina atrelado à cultura da autoimagem em modelos adolescentes, com o objetivo de apresentar um breve histórico da estética feminina de acordo com os padrões de cada período, bem como analisar a influência que esses padrões exercem sobre as modelos adolescentes.

**Palavras chave:** padrão estético feminino; autoimagem; moda; cultura da aparência; historicidade da estética feminina.

## Abstract

*This article presents a qualitative, descriptive study about the historicity of feminine aesthetic linked to the culture of self-image for teen models, with the aim of presenting a brief history of female aesthetics in accordance with the standards of each period as well as to analyze the influence these patterns have on the teenage models*

**Keywords:** Standard feminine aesthetic; self-image; fashion; culture of appearance; historicity of feminine aesthetic.

---

<sup>1</sup> Clara Silva Pinheiro; Nutricionista e Designer de Moda (UNIFACS); Pesquisadora do Grupo Artes do Corpo: Memória, Imagem e Imaginário (UEFS); Mestranda em Desenho, Cultura e Interatividade (UEFS); Especialista em Nutrição Clínica e Estética (IPGS); Especializando-se em Moda, Artes e Contemporaneidade (UNIFACS).

<sup>2</sup> Luiz Vitor Castro Júnior; Graduado em Educação Física pela universidade Federal da Bahia; Mestre em Arte pela Université Du Quebec; Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Professor titular da Universidade Estadual de Feira de Santana no curso de mestrado em História e no mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade; Coordenador do Grupo Artes do Corpo: Memória, Imagem e Imaginário (UEFS).

## Introdução

A historicidade da estética feminina perpassa por períodos remotos, mas não sem influenciar os corpos atuais, atingindo, inclusive o que permeia a cultura da aparência em modelos adolescentes.

De acordo com Brandini (2007, p.2), foi à cultura que fabricou o corpo, determinando padrões de beleza ao longo do tempo, fazendo com que o desejo consumista em relação à moda se atrelasse às transformações e a construção da estética do corpo, com vistas à integração ao padrão imagético socialmente enaltecido, o que passou a ser desejado por mulheres de todas as idades, inclusive as mais jovens, como as adolescentes.

É na adolescência, fase do desenvolvimento humano no qual as transformações físicas se dão de forma muito evidente, que os primeiros movimentos em direção à moda acontecem com maior ímpeto. Compreender o que ocorre com os indivíduos nesse período da vida constitui-se em uma tarefa difícil. Ainda mais quando o fator *estética* se impõe como um problema, seja por falta de autoaceitação, seja por imposição social ou ainda por imposição profissional, como é o caso dos modelos – profissionais da moda. (DUARTE, 2009, p. 213).

Um dado a respeito de jovens modelos, a partir de um olhar cotidiano, é que elas se ocupam com absoluto interesse a respeito da sua aparência física. Cuidam com atenção dos adereços que o exhibe e/ou o esconde, não perdendo de vista o seu entorno, na observação do que as outras mulheres revelam, conforme Guimarães (2000, p. 25).

Sob esse aspecto, observa-se a evidência do quanto às modelos são influenciadas e influenciam outras mulheres no seu modo de se relacionar com sua aparência e o quanto isso é importante. Tendo em vista a relevância observada no tocante ao entorno imagético, que lhe põe em contato estreito com a sociedade de consumo e com as imposições da moda. Esta determina a forma

como devem se vestir, o peso e as medidas que devem ter, o tipo de maquiagem que devem usar e de forma mais invasiva, o que devem comer.

Durante muito tempo, o padrão europeu de beleza ditou regras, impondo-se como verdade, relegando ao ostracismo a graça local, o que influenciou e ainda influencia o modo de vestir, de se comportar e de ser de muitas sociedades ao redor do mundo. (FREITAS et al., 2010, p. 45).

Com o passar dos anos, outras belezas começaram a influenciar o mundo da beleza europeia, inicialmente hermético, e fazê-lo um pouco mais diverso. No entanto, a magreza permaneceu praticamente intocada, estabelecendo-se como padrão absoluto, relacionando-se, inclusive, com a ideia de poder, beleza e mobilidade social, conforme afirmam Castro et al. (2010, p. 3152).

Nessa perspectiva, este artigo busca apresentar um breve histórico da estética feminina de acordo com os padrões de cada período, analisando a influência que esses padrões exercem sobre as modelos adolescentes, bem como demonstrar os resultados de uma pesquisa com base no teste EAT-26 (*Eating Attitudes Test*).

Este teste indica a possível presença da distorção da imagem corporal e de padrões alimentares anormais. Foi realizado com modelos adolescentes de Feira de Santana, na Bahia, através de uma análise qualitativa, descritiva e exploratória, conforme uma produção monográfica realizada durante o Curso de Nutrição, pela Faculdade Nobre de Feira de Santana, Bahia, no ano de 2012, intitulada *Estado nutricional e fatores de riscos para transtornos alimentares em modelos na cidade de Feira de Santana*.

A amostra se compôs de 10 jovens modelos com faixa etária entre 14 e 18 anos de idade. O critério de inclusão para a amostra foi que as garotas atuassem no ramo da moda como profissionais liberais – modelos. Foram feitas perguntas que giravam em torno da percepção da autoimagem e medidas radicais para perda de peso sem acompanhamento de profissionais adequados, sendo que neste artigo apresentamos um resumo dos resultados.

A 'fabricação do corpo' na contemporaneidade é tão forte quanto na era primitiva: a sociedade pós-moderna infringe sobre o corpo humano a marca de seu momento sócio-histórico atual, utilizando na 'fabricação do corpo pós-moderno', todas as tecnologias disponíveis no mais alto grau de conhecimento humano. Laser como *peeling*, cirurgia plástica e implante de cabelos; químicas e farmacologia para emagrecer, aumentar, endurecer e estreitar as formas; materiais sintéticos como silicone para aumentar os seios, metais como ouro, platina e cobre segurar a face e esticar os ossos, tudo para tornar o corpo o ícone do momento presente: o belo e o ideal de acordo com sua cultura. (BRANDINI, 2007, p. 2).

Assim, a mulher moderna, desde a adolescência tem à sua disposição uma gama enorme de possibilidades de transformação do corpo, alcançando as mais diversas faixas etárias.

#### **Evolução do padrão estético feminino e cultura da aparência**

A adolescência é um período da vida humana em que o indivíduo passa por importantes transformações, as quais podem ser somáticas, psicológicas e/ou sociais. (GAMBARDELLA; FRUTUOSO; FRANCH, 1999, p. 81). É quando a busca desmensurada para se atingir as exigências sociais começam a acontecer, causando distúrbios de toda ordem, como transtornos alimentares que, segundo Philippi (2011, p. 43) são transtornos psiquiátricos que afetam, na sua maioria, adolescentes e adultos jovens, do sexo feminino.

O padrão estético dos corpos da atualidade tem características próprias, bem como cada período da história. Segundo Garrini (2007, p. 25) na Grécia Antiga, o corpo era tido como um símbolo forte, refletido num corpo espartano, ou seja, um corpo digno de um guerreiro. Na cidade de Atenas as práticas físicas como dança e circo refletiam um corpo mais poético e filosófico. Por volta do século XV e XVI na época da renascença se tinha como padrão estético um corpo farto, com seios grandes, ancas largas que representava a fertilidade feminina.

O século XVI foi caracterizado pela preocupação em ser retratado em "boa forma" que era nítida nas classes mais altas, pois era preciso manter o afastamento social e a fórmula encontrada era a constante renovação. O corpete das roupas femininas era engomado e mantido no lugar com barbatanas de

madeira não flexíveis, o que levou em alguns casos, a desmaios entre as mulheres da sociedade que cultuavam a prática. (CASTELLAN, 2011).

No período da idade moderna o rádio era o grande veículo de comunicação para as massas, através do qual ocorriam as interferências na aparência das pessoas, que passava a ser mais funcional e prático. A feminilidade refletia uma pele alva, olhos profundos, esfumados de negro, corpo miúdo e roliço, lembrando as bonecas de louça de 1910. (GARRINI, 2007, p. 32).

Conforme Castellan (2011, p.12), “com o advento da fotografia, muitas que seriam consideradas obesas mesmo para o padrão da época, quando uma mulher “normal” vestia manequim 42, eram na década de 1920, fotografadas com suas amigas em parques, corridas de cavalo etc., com orgulho de seus corpos livres em decotes e saias curtas”.

Paralelamente surge a androgenia. As mulheres passam a esconder as formas do corpo em roupas com cortes retos e cabelos curtos, imperando um perfil esguio, longilíneo, masculino e magro. Era a chamada androgenia. Segundo Ullmann (2004, p. 23), mudando toda a feminilidade da aparência feminina para traços retos e ausência de curvas, surge algo de masculino na aparência feminina.

Segundo Castellan (2011, p. 14):

A partir do cinema americano novas imagens femininas começaram a se propagar. Estava criado um novo modelo de beleza. Na década de 1930 começa a poderosa influência do cinema na moda com divas como Marlene Dietrich (1901-1922). A silhueta desejada é a longilínea, com cintura marcada, decotes e quadris delineados pelos tecidos.

Na década de 1940 elas tornaram-se extremamente sedutoras. Atrizes de cinema passaram a ser referência, como Rita Hayworth, refletindo o símbolo da beleza feminina americana. (GARRINI; 2007, p. 32).

No pós-guerra, em 1947 e o *new look* do estilista francês Christian Dior (1905-1957), que enfatizava as formas com cinturas finas e bem marcadas, exigindo que as mulheres partissem para regimes e cuidados até então

esquecidos no período da guerra. Cintas começam a ser vendidas para evidenciar “as cinturas de vespas”. (CASTELLAN, 2011, P.15).

Marilyn Monroe, na década de 1950, marcou a sexualidade feminina como símbolo de desejo e consumo. As formas pequenas e bem delineadas de atrizes como Audrey Hepburn ganharam destaque no filme intitulado *Bonequinhas de Luxo*, tornando-se alvo do desejo dos telespectadores. Representava luxo, beleza e poder, elegância, magreza, corpo esguio e longilíneo com cintura marcada. (GARRINI; 2007, p. 33).

Segundo Garrini (2007, p. 34), o casal John e Jacqueline Kennedy marcou a década de 1960 com seus corpos magros e sem exageros, simbolizando elegância e poder. Na moda, a modelo inglesa Lesley Hornby, também conhecida como Twiggy, que em português significa *galho seco*, representa um novo padrão de beleza: extremamente jovem e magra.

A partir da década de 1970 aumenta a busca pela perfeição da própria imagem, corroborada por publicações diversas com indicações de nutricionistas, que reforçavam o consumo de produtos naturais, comida vegetariana, etc... a fim de agregar mais saúde ao indivíduo. (CASTELLAN, 2011, P.15). O corpo excessivamente magro das modelos ditava a moda feminina e era objeto de apreciação e de desejo, conforme representava a atriz brasileira Leila Diniz. (GARRINI, 2007, p. 34).

Em 1980, a sensualidade feminina passou a ser garantida pelas intervenções cirúrgicas, tratamentos estéticos e dietas milagrosas, marcando a fase da mulher poderosa e elegante, com cabelos compridos, ombros marcados pelas ombreiras e corpo definido pela prática constante de atividade física. (GARRINI, 2007, p. 36).

Na década de 1990, mito e irrealidade do padrão de beleza ficam mais evidentes, tendo-se as supermodelos como ideais de beleza, com seus corpos irreais para a sociedade comum. (GARRINI, 2007, p. 37).

A modelo Kate Moss e sua magreza anoréxica trouxeram de volta a aparência frágil publicada por Twiggy. No caso de Kate Moss, a anorexia foi, de

fato, identificada como razão para sua magreza. Segundo os médicos especialistas, a anorexia chega a ter estreita relação com a busca pela forma física ideal para se atingir os padrões determinados pela indústria da moda, ressalta Ullman (2004, p. 45).

Com a evolução dos centros urbanos no século XX e início do século XXI, se detectou a idolatria ao corpo através um padrão estético chamado “boa forma”, refere Duarte (2009, p. 212). O formato ideal do corpo feminino estaria se tornando tubular, substituindo o formato violão. (QUEIROZ, 2000, p. 44).

Assim, seguindo sua história, o corpo ainda tem sido objeto de especial atenção no que tange à beleza, fazendo com que o indivíduo dedique grande parte de sua vida a cuidados especiais, em busca da manutenção da estética ou transformação do corpo, na tentativa de atender aos padrões estabelecidos pela mídia ou pelo mercado.

Baudrilard (1991, p. 27) refere que o mito do prazer que circunda a beleza chega a exageros, levando a sacrifícios, como cirurgias, dietas inacreditáveis, terapias voltadas ao belo, em um processo considerado pelo autor como algo onipresente, obsessivo. A juventude, a elegância, a virilidade/feminilidade, cuidados, regimes e práticas sacrificantes de toda sorte têm feito, cada vez mais, parte da vida das mulheres, que se submetem ao *status* de deusa com o sonho de serem *top models*.

A mídia exhibe em diversos meios de comunicação, corpos bem definidos como produto de consumo, os quais levam as massas a desejarem para si aquele modelo estético. (MARCONDES FILHO et al., 2002, p. 6). Contudo, entender a transição e o papel do corpo na atualidade tem se configurado em complexa tarefa. Uma tentativa desse entendimento pode se abrigar na compreensão da forma como a mulher moderna percebe sua própria imagem dentro da sociedade onde atua e habita.

Segundo Castro et al. (2010, p. 3152):

A imagem corporal pode ser definida como a percepção que o sujeito tem do próprio corpo com base nas sensações e experiências vividas ao longo da vida. Ela pode ser influenciada por inúmeros fatores de origem física, psicológica, ambiental e cultural no âmbito da subjetividade de cada ser

humano, tais como sexo, idade, meios de comunicação, crenças, raças e valores. É uma espécie de “fotografia mental” que a pessoa elabora sobre sua aparência física e que pode ser construída ou destruída por tentativas que buscam uma imagem e um corpo ideal.

Assim, compreende-se que a autoimagem não se constrói apenas a partir de uma percepção do ser sobre si mesmo, mas de maneira que o entorno tenha papel muito importante, tendo em vista que os fatores que influenciam as definições sobre si perpassam por inúmeros âmbitos, tais como o próprio corpo em suas formas, aspectos psicológicos, ambientais e culturais, entre outros, como por exemplo, a determinação do que é ser belo pela indústria da moda.

A beleza dos dias atuais se manifesta indissociável da magreza, embora seja óbvio que beleza e magreza não tenham afinidade natural. Os indivíduos, como seres sociais, sentem-se pressionados a corresponder ao “padrão” de beleza e cultura que, exaustivamente, é apontado pela mídia e pelas empresas que movimentam o mundo da moda - caso contrário, sentem-se menos atraentes e inferiores. (PHILLIPI; ALVARENGA, 2004, p. 87).

A supervalorização corporal vem instigando os jovens a uma série de comportamentos que resultam, principalmente em hábitos alimentares inadequados. Esses comportamentos têm início, normalmente, na adolescência caracterizando uma fase de transição entre a infância e a vida adulta que ocorre dos 10 aos 19 anos segundo a Organização Mundial de Saúde. Nessa fase, ocorrem várias alterações, o corpo do adolescente começa a mudar e a causar preocupações com o peso e a forma física. (LIMA; BASSO, 2005, p. 67).

A cultura que impera no mundo das adolescentes que sonham com o sucesso nas passarelas tem transmitido como valor desejável – a qualquer custo – a obtenção de um corpo magro. (GARRINI, 2007, p. 37).

Nesse contexto, além da imposição da publicidade, mídia e todos os meios de comunicação projetar um modelo ideal de estética para o alcance da fama, sucesso e poder através do corpo como símbolo de perfeição e magreza, as agências de modelos seguem padrões que são irreais. Pelo menos no que se refere ao público que consumirá aquelas roupas, tendo em vista que as modelos

não representam o padrão fenótipo mundial, mas um padrão criado pela indústria da moda. (LIMA; BASSO, 2005, p. 68).

Dessa forma, observa-se que a beleza em seus padrões atuais pode ser diferente dos de outrora, no entanto, a imposição de um padrão é algo que permanece tanto no que se refere a um modelo a ser seguido como forma de poder em suas diversas vertentes, quanto como uma busca desenfreada por mulheres de todas as idades, mas, em particular, as adolescentes que, nesse período do desenvolvimento humano, encontram-se na busca de encaixe para sua existência, ao que se une a sua autoimagem, autoaceitação e aceitação de outrem.

#### **Autoimagem e EAT**

A partir da aplicação do teste com base no EAT-26, questionou-se as modelos, sujeitos da pesquisa, se estavam satisfeitas com a autoimagem atual; se sentiam-se felizes com o peso que tinham no momento da pesquisa; se sentiam necessidade de perder peso; e se sentiam tontura, fadiga, cansaço constantemente.

Sobre a autoimagem, 50% afirmaram estarem satisfeitas consigo mesmas; 50% afirmaram que não estavam. Os resultados foram idênticos para o peso, sendo que as mesmas que disseram estarem satisfeitas com a autoimagem também estavam satisfeitas com o peso, sendo igualmente o resultado para as negativas.

Do total, 40% não sentiam necessidade de perder peso; 60% sentiam inclusive 10% das que estavam satisfeitas com o próprio peso. Nenhuma das garotas apresentava excesso de peso.

Além da necessidade de se manterem magras para atenderem aos padrões estéticos da profissão de modelo, as adolescentes podem desejar perder peso, mesmo estando na forma ideal para o exercício de sua profissão, por imposição de um distúrbio ainda não identificado por elas mesmas ou pela família. Essa é

uma situação que demanda cuidados e atenção especial, no intuito de identificar, da forma mais precoce possível, o que as leva a sentirem tanta necessidade de emagrecerem, podendo ser diagnosticado a partir de seu comportamento psicológico e alimentar, um distúrbio que leve a sérias consequências. (LIMA; BASSO, 2005, p. 70).

Através deste teste, buscou-se fazer um reconhecimento mais aprofundado sobre as atitudes de cada modelo, no que se refere ao seu comportamento alimentar e suas sensações frente à relação entre alimentação, corpo e autoimagem.

De acordo com o teste feito com amostra, considerando maior pontuação como passível de investigação, 70% fizeram entre 10 e 20 pontos e 30% apresentaram dados que chamaram a atenção para uma análise mais aprofundada, tendo em vista que fizeram acima de 30 pontos.

Esse fator de inadequação alimentar e nutricional identifica uma porcentagem de risco nutricional para transtorno alimentar como anorexia nervosa, juntamente com os dados da avaliação antropométrica que indica 20% abaixo do peso e fora da normalidade dos percentis de massa magra e gordura corporal subcutânea, e EAT acima de 30 pontos para 30% da amostra que caracteriza uma porcentagem para risco de transtorno alimentar.

Na análise da autoimagem foram obtidos dados que indicam que as adolescentes pesquisadas possuem alguma propensão à anorexia nervosa como, por exemplo, a insatisfação com a imagem atual de acordo com a cultura vigente.

Entre os vários fatores que podem determinar a incidência de transtorno alimentar, a comparação que ocorre entre as garotas e a imagem ideal vendida pelas mídias, pode ser considerada como um deles. Isso, associado à baixa autoestima e necessidade individual de adaptação são pontos considerados quanto à avaliação da satisfação corporal das modelos adolescentes, o que exige cuidado e atenção.

## **Considerações finais**

A estética feminina sofreu mudanças ao longo dos séculos, não passando despercebido pelos olhos da sociedade, que por uma questão de adequação, de encaixe, de poder ou que por outra razão particular, buscava segui-la. Foi e tem sido de tal forma influente, que até nos tempos atuais seu poder permanece, ditando regras e encontrando reforço na indústria cultural, que impõe como verdade uma beleza apresentadas nas passarelas, mas que não corresponde à realidade das populações.

Foi possível perceber na pesquisa realizada com as jovens modelos de Feira de Santana, que a percepção da imagem corporal – autoimagem e peso – de 50% delas estava equivocada, na tentativa e na busca de atingir e de se adequar aos padrões estéticos e culturais do mundo da moda possibilitando transtornos alimentares e psicológicos.

Nesta perspectiva, as adolescentes que enveredam pelo mundo da moda, se veem às voltas com a busca desenfreada por um corpo que atenda ao mercado, no qual a magreza é padronizada por medidas de pouca. No entanto, questiona-se para quem tais padrões são ideais, tendo em vista não estarem presentes nas mulheres consumidoras das roupas que seus corpos muito magros exibem o que se reflete em um contrassenso.

Apesar desse antagonismo – entre o que se vende o que se compra e o que se é – a produção de padrões permanece em pleno trabalho, “fabricando” cada vez mais adolescentes modelos extremamente magras. E essa “fabricação”, não raro, se dá de maneira extrema. Dietas, cirurgias e tratamentos estéticos invasivos, entre outras tentativas de encaixe, permeia a realidade de modelos adolescentes e, a partir destas, também do público que busca consumir o que está em alta.

Atitudes que mantêm a supervalorização do corpo como algo indissociável da condição de ser e estar no mundo, fazendo-se refletir a respeito dos valores

humanos: superlativos para o superficial: o corpo efêmero, e diminutivo para o essencial: a própria essência humana.

## Referências

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1996.

BRANDINI, V. Bela de morrer, chic de doer, do corpo fabricado pela moda: o corpo como comunicação, cultura e consumo na moderna urbe. **Contemporanea**, vol. 5, nº 1 e 2. Dez.2007.

Disponível em:

<<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3508/2563>>. Acesso em: 09 de mai. 2015.

CASTRO, I. et al . Imagem corporal, estado nutricional e comportamento com relação ao peso entre adolescentes brasileiros. **Ciênc. Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232010000800014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000800014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 17 abr., 2015.

CASTELLAN, C. Moda e Estética. In: PUJOL, Ana Paula. **Nutrição aplicada à Estética**. Rio de Janeiro: Editora Rubio, 2011. p. 9 – 18.

DUARTE, B. Em boa forma: a percepção do corpo feminino. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, ano 3, ed. 6, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://www.editora>

[ufjf.com.br/revista/index.php/online/article/viewFile/480/447](http://www.editora)>. Acesso em: 15 mai. 2015.

ufjf.com.br/revista/index.php/online/article/viewFile/480/447>. Acesso em: 15 mai. 2015.

FREITAS, C. M. S. M.; LIMA, R. B. T.; COSTA, A. S.; LUCENA FILHO, A. O padrão de beleza corporal sobre o corpo feminino mediante o IMC. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.24, n.3, p.389-404, jul./set. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v24n3/a10v24n3.pdf>>. Acesso em: 21 mai., 2015.

GAMBARDELLA, A. M. D.; FRUTUOSO, Maria Fernanda Petrolí; FRANCH, Claudia. Prática alimentar de adolescentes. **Rev. Nutr.**, Campinas, v. 12, n. 1, abr. 1999. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-52731999000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52731999000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 02 mai. 2015.

GARRINI, S. P. F. Do corpo desmedido ao corpo ultramedido: reflexões sobre o corpo feminino e suas significações na mídia impressa. In: MACHADO, Maria Berenice, QUEIROZ, Adolpho e ARAÚJO, Denise Castilhos de (org.). **Histórias, Memórias e Reflexões sobre a Propaganda no Brasil**. Novo Hamburgo: Feevale, 2008.

**Brasil**. Novo Hamburgo: Feevale, 2008.

GUIMARÃES, L. A função do olhar que incide sobre o corpo feminino. In: **O corpo ainda é pouco**: Seminário sobre a contemporaneidade, Feira de Santana. CABEDA, Sonia; CARNEIRO, Nadia, LARANJEIRA, Denise (ORGS.). Feira de Santana, NUC/UEFS, 2000.

LIMA, Lucimara; BASSO, Cristiana. Estado nutricional e hábito alimentar de modelos do município de Santa Maria. Série: **Ciências da Saúde**, Santa Maria, v. 6 , n. 1, 2005. Disponível em:

<<http://sites.unifra.br/Portals/36/CSAUDE/2005/estado.pdf>>. Acesso em: 12 abr., 2015.

MARCONDES FILHO et al. Tentativas de suicídio por substâncias químicas na adolescência e juventude. **Adolesc. Latino am**. Vol.3, n.2.nov. 2002,. Disponível em: [http://ral-](http://ral-adolesc.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-7130200200020007&lng)

[adolesc.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-7130200200020007&lng](http://ral-adolesc.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-7130200200020007&lng)  
=[es&nrm=iso](http://ral-adolesc.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-7130200200020007&lng)>. Acesso em: 15 abr., 2015.

\_\_\_\_\_. **Nutrição e transtornos alimentares, avaliação e tratamento.** Guias de Nutrição e Alimentação. São Paulo: Manole, 2011.

PINHEIRO, C. **Estado nutricional e fatores de riscos para transtornos alimentares em modelos na cidade de Feira de Santana.** 2012. 79f. Monografia (Graduação) – Nutrição. Faculdade Nobre de Feira de Santana – FAN. Feira de Santana, 2012.

PHILIPPI, S. T.; ALVARENGA, M. d. S. **Transtornos alimentares:** uma visão nutricional. Barueri, SP: Manole, 2004.

QUEIROZ, R. S. **O corpo do brasileiro:** estudos de estética e beleza. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

ULLMAN, D. **O peso da felicidade:** ser magro é bom, mas não é tudo. Porto Alegre: RBS Publicações, 2004.